

Os caminhos da memória*

MARIA ANGELA GEMAQUE ÁLVARO

Mestranda pelo PPGCS/CFCH/UFPA e tecnóloga em Análise Sócio-econômica do IBGE.

Artigo aceito para publicação em 19/09/05

resumo Este trabalho analisa a maneira de construção da memória de dois grupos familiares considerados tradicionais na cidade de Belém do Pará, em virtude de uma trajetória histórica excepcional que é tornada pública. O fio condutor dessa discussão é a memória social, com atenção especial à forma como ela é tratada nos estudos teóricos de Maurice Halbwachs. Utilizando depoimentos orais e a versão escrita da memória familiar, é feita uma reflexão de como as trajetórias individuais, o percurso do grupo e as articulações entre passado e presente interferem na estruturação das lembranças.

palavras-chave memória, família, indivíduo, sociedade, tempo social.

abstract This paper analyses memory construction in two families considered to be traditional in the context of their hometown, the city of Belém do Pará, these groups being so judged in virtue of an exceptional historic trajectory. The central conducting element in such a discussion is social memory, with emphasis on the way it is considered in the studies by Maurice Halbwachs. Based on the study of oral and written narratives, a reflection is made on the ways individual and group trajectories as well as the links between past and present interact to form memory structure.

keywords memory, family, individual, society, social time.

* Estas reflexões se integram ao projeto de pesquisa intitulado “Memória emblemática: o que os tradicionais nos contam sobre seu passado?”, que estou desenvolvendo dentro do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, no nível de mestrado, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará. O material etnográfico foi coletado em 1990, consistindo em entrevistas com descendentes dessas duas famílias, assim como em livros publicados por cada uma delas, e pode ser encarado como um documento revelador da memória familiar num momento específico. O termo tradicional deve ser enten-

dido aqui como um adjetivo que é aplicado a famílias cujos nomes e trajetórias estão associados à história da cidade, na medida em que membros situados em gerações distintas exerceram continuamente o poder político e econômico, e/ou tiveram amplo destaque social. São famílias que têm uma visibilidade pública e a possibilidade de cruzarem a história familiar com uma dada versão da história local voltada para o feito (ou para a construção) de personagens. Para as famílias enfocadas neste estudo, trata-se de um adjetivo que é tanto assumido internamente, quanto reconhecido pelos de fora do grupo.

I

A partir das lições de Halbwachs (1990) sobre a articulação entre memória individual e os grupos nos quais o indivíduo toma parte, farei uma abordagem sobre os processos sociais que interferiram na formulação das lembranças de duas famílias consideradas tradicionais no contexto da cidade de Belém do Pará: os Albuquerque e os Duvignaud.¹

Trabalhei com dois grupos que, embora tenham um traço em comum – o adjetivo tradicional que lhes é aplicado –, apresentam diferenças no que se refere à trajetória e aos vínculos com o Pará, o que me permitiu vislumbrar duas construções distintas de memória. As diferenças se expressam nas imagens formuladas acerca do passado do grupo, assim como nos fenômenos que interferiram na estruturação das lembranças, e podem ser compreendidas com base no referencial fornecido por Halbwachs (1990).²

1. Os nomes de família, assim como os nomes pessoais, citados ao longo do trabalho são fictícios. Procedi dessa forma em virtude de alguns aspectos da memória familiar terem sido tratados com parcimônia e certo incômodo por alguns, havendo casos de solicitação de não identificação pessoal. Procurei adotar nomes que guardassem alguma proximidade com a ênfase dada pelos entrevistados às suas origens (francesa no caso dos Duvignaud, e portuguesa/nordestina para os Albuquerque). Esclareço, ainda, que quando utilizo o termo família para falar dos Albuquerque e dos Duvignaud, estou delimitando os grupos a partir do nome de família. Assim, investigo dois grupos de parentes que se reconhecem enquanto tal por possuírem um nome de família em comum, o qual remete a uma história cuja divulgação ultrapassa o âmbito do grupo.
2. Na teoria formulada por Halbwachs (1990) destacam-se duas relações: entre o passado e o presente e entre o indivíduo e a sociedade. Ao considerar o ato de rememorar como uma viagem ao passado que tem sempre como referência o tempo e o espaço vivenciado por quem relembra, o autor deixa claro que a memória estabelece uma relação entre esses dois tempos sociais. Essa relação torna-se dialética na medida em que o passado é visto,

A ligação histórica dos Duvignaud com o Pará remete à época colonial, com a chegada em 1760 do primeiro membro desta família no que era, então, a Capitania do Grão-Pará. Sua condição de oficial militar lhe dava uma aproximação conveniente com o poder, que ele soube potencializar ao casar-se com a descendente de uma família já consolidada como grande proprietária de terras. Nas gerações seguintes esse patrimônio foi ampliado num processo de concentração de riqueza, em que o estabelecimento de alianças matrimoniais com outros membros da elite fundiária local desempenhou importante papel.

Essa família alcançou o ápice de seu destaque social, político e econômico durante a Época da Borracha (1850-1910), quando a exploração do látex se tornou a principal atividade econômica, representando um fluxo de capitais significativo para a região, em virtude dos interesses do capital internacional. Atentos às novas oportunidades, os Duvignaud souberam diversificar seus negócios, até então situados no ramo pecuário, e criaram aproximações – inclusive matrimoniais – com o grupo dos comerciantes.

Embora a base de seu poder fosse local, conseguiram penetrar no cenário mais amplo da política, tornando-se figuras de destaque nos primeiros anos da República, movimento frente ao qual alinhavam-se entre os precursores no

também, como um referencial orientador para o presente. Assim, a memória não é algo dado, mas um fenômeno construído. É a partir dessa percepção que a relação indivíduo/sociedade adquire um caráter onde as forças sociais são devidamente consideradas, mas não subjagam o papel do indivíduo. Nessa memória, vista como construção, caberá ao indivíduo o papel de agente, pois é ele que, ao transitar entre diferentes grupos sociais no interior de uma sociedade, estabelece a articulação de tempos e espaços sociais distintos. Confrontando suas lembranças com as dos outros membros do grupo, ele forja a sua memória individual e ajuda a estruturar a do grupo.

Pará. Seus cargos políticos vieram somar-se aos títulos de nobreza outorgados a eles durante o Império, como elementos de distinção social da família. Distinção que era marcada, também, pelo estilo de vida que cultivavam, espelhados nos padrões europeus amplamente disseminados entre os grupos cada vez mais enriquecidos com o crescimento da exploração da borracha.

A partir do fim desse ciclo econômico, a família começou a se dispersar pela migração de alguns ramos em direção à capital federal da época: a cidade do Rio de Janeiro. Mas só perdeu efetivamente sua expressão a partir da década de 30, tanto em função da diluição de seu patrimônio, como das novas articulações que surgiram na política.

Já a família Albuquerque surge no Pará no início do século XX, a partir da migração de Pedro Albuquerque, descendente de um grupo oligárquico nordestino já arruinado financeiramente. Seus ancestrais maternos, de origem portuguesa, haviam se firmado numa região do Rio Grande do Norte, ainda no século XVIII, consolidando-se como grandes proprietários rurais da lavoura canavieira e chefes políticos locais durante o Império. A decadência financeira da família, ocorrida na segunda metade do século XIX, conduziu o pai de Pedro Albuquerque a investir na educação do mesmo, empenhando-se pessoalmente do assunto, ao assumir o papel de professor do filho até o seu ingresso na Faculdade de Direito do Recife, procedimento que é descrito nos livros e nos depoimentos orais em termos artesanais.

Já formado em Direito, e não podendo concretizar suas expectativas, que voltavam-se para o principal centro político e cultural da época, a cidade do Rio de Janeiro, Pedro Albuquerque consegue carta de recomendação endereçada ao governador do Pará, Augusto Montenegro, diante do qual se apresentou em 1902, obtendo uma colocação como promotor numa cidade do interior.

Nessa cidade, que chamaremos aqui de Remanso, ele se entronizou rapidamente nos quadros da elite local, o que é confirmado pelo seu matrimônio poucos anos depois com a filha do principal chefe político da cidade, que, como o próprio Pedro, podia citar uma ascendência nobiliárquica em sua biografia: era, também, neta de um barão do Império. No momento em que se celebrava o casamento, a família Soares de Cabral, da qual provinha a noiva, vivia em uma situação bastante favorável, tanto do ponto de vista político quanto econômico, em função de seu posicionamento ao lado dos personagens que dominavam a política paraense e de suas participações no negócio da borracha. Poucos anos depois, a queda do preço da borracha amazônica no mercado internacional reverteu esse quadro, respondendo pelo declínio econômico dos Soares de Cabral, agravado ainda mais por mudanças na política local, que afastaram seus antigos pares do poder. Para Pedro Albuquerque, que vivia então na capital do Estado, para onde havia obtido sua transferência como promotor, as mudanças no cenário político lhe custaram o cargo.

Embora as dificuldades financeiras tenham marcado sua trajetória, ele conseguiu construir um nome a partir de sua atuação como professor da Faculdade de Direito do Pará, como advogado, como político e como homem das letras (publicou vários livros e inúmeros artigos em jornais). Mais que isso, conseguiu dar uma orientação bastante uniforme a sua numerosa prole, basicamente masculina, que, tendo como modelo a trajetória paterna, procurou consolidar sua posição no cenário local, articulando o exercício de uma profissão liberal respeitada (medicina, direito, engenharia) com funções públicas (às vezes políticas) e com a participação em instituições voltadas para o campo intelectual (Academias de Letras, Institutos Históricos, Ordens Profissionais). A visibilidade da família, e seu reconhecimento

como tradicional no contexto da cidade de Belém, resulta, portanto, da somatória destas trajetórias e de seu passado familiar glorioso, pontualmente divulgado.

II

Para os dois grupos familiares, entrevistei pessoas próximas em termos de laços de parentesco e de convívio, enfocando para cada um deles um grupo de *siblings*. No caso da família Albuquerque, os entrevistados foram três filhos e dois netos de Pedro Albuquerque. Para a família Duvignaud, coletei depoimentos de três irmãos, de uma prima destes, e da filha dela, que era também esposa de um dos irmãos entrevistados.

Pedro Albuquerque é a figura central das memórias de seus descendentes, e é, também, o grande articulador de práticas que ajudam a preservar a memória familiar e torná-la conhecida entre os paraenses. Nota-se nas memórias – especialmente na oral – uma ligação mais íntima com as raízes nordestinas da família. As raízes paraenses são mencionadas e valorizadas (títulos de nobreza, poder político e econômico), mas os entrevistados não demonstram em relação a ela a mesma intimidade, a mesma riqueza de detalhes. Um dos filhos de Pedro Albuquerque nos dá indícios que ajudam a esclarecer tal fato: a postura reservada da mãe, que falava muito pouco sobre sua terra de origem, à qual não mais retornou após o casamento, e, também, a dispersão dos parentes.

Halbwachs (1990) levanta a importância dos testemunhos para a formação e permanência das lembranças. Na formação da memória individual, sobressai o papel dos laços de convivência que estabelecemos com os membros dos diversos grupos que fazem parte do nosso dia-a-dia e da nossa trajetória, e que permitem o contínuo confronto entre nossas lembranças e a

dos outros. Afirma, também, que se o grupo se dissolve e se já não temos com quem partilhar nossas lembranças, o quadro vivido se esmaece e as imagens tornam-se fugidias. Afastada da sua cidade, do seu grupo familiar que se dispersa, dos amigos e vizinhos que compunham sua rede de relações, parece ter faltado a Mariana – esposa de Pedro Albuquerque – o apoio do testemunho alheio.

Pedro Albuquerque também afastou-se de sua terra natal, mas encontrou no Pará grupos de convívio com os quais pôde partilhar suas lembranças: famílias nordestinas de posição e trajetória semelhantes às dos Albuquerque. Um dos seus filhos afirma:

quando o meu pai chegou aqui – chegou em *Remanso*³ e depois veio pra Belém –, muitas famílias originárias do Nordeste já floresciam aqui no Pará. Lá em *Remanso* mesmo, ele veio encontrar uns primos dele, o *Juliano Albuquerque*, que era um homem eminente lá em *Remanso* e Manaus. Ele foi encontrar a família *Tavares*, que está vinculada com a nossa ancestralmente, umas três ou quatro gerações mais pra trás. Que eram famílias já implantadas no Pará (...) Se formos verificar, por exemplo, os professores da Faculdade de Direito, vinte anos passados, quase todos eles eram nordestinos e quase todos formados pela Faculdade de Direito do Recife (Arthur Albuquerque, 73 anos).

Pedro Albuquerque foi promotor numa cidade pequena, onde figura pública de destaque tinha linha de parentesco consigo. Depois, tornou-se professor de Direito, numa faculdade onde o corpo docente era, predominantemente, oriundo da Faculdade de Direito do Recife. Além disso, sua atividade de escritor conduziu-o a tornar-se membro fundador da Academia

3. As palavras em itálico substituem outros termos utilizados pelos informantes em seus depoimentos, ou são esclarecimentos que julguei necessário fazer.

Paraense de Letras, onde encontrou o campo propício para o cultivo da memória familiar e sua divulgação.

Representando o início de uma nova tradição, e procurando guiar seus filhos pelos mesmos caminhos, Pedro transita entre o passado e o presente, tecendo uma história que é, também, um respaldo ao seu projeto de ascensão. Qual a tônica dos depoimentos dos seus filhos e netos? O que sempre vai ser lembrado é a trajetória do próprio Pedro, tendo por pano de fundo o passado mais remoto de fausto e poder. É a história da dedicação absoluta do pai à sua formação, seu mestre desde a alfabetização até a entrada na faculdade de Direito. É a descrição dos percalços e sacrifícios vencidos através de um esforço ímpar, mas que conduz à glória representada pela construção de uma carreira pública.

Através do contar e recontar dessas histórias, vai-se criando uma semelhança de elementos narrativos nos discursos dos diferentes membros da família. E é nessa uniformidade e nessa repetição que a memória dos Albuquerque se aproxima de uma lenda. Pedro Albuquerque narra sua trajetória, e, ao fazê-lo, orienta e aconselha os seus. De acordo com Bosi:

Há episódios que gostamos de repetir, pois a atuação de um parente parece definir a natureza íntima da família, fica sendo uma atitude símbolo. Reconstituir o episódio é transmitir a moral do grupo e inspirar os menores. Podemos reconstruir um período a partir desse episódio (1987: 345-346).

Em seu papel de orientador e conselheiro, Pedro Albuquerque adota uma prática compatível com o discurso. Ao dedicar-se a acompanhar os estudos de seus filhos, ele reproduz rotina artesanal de ensino, semelhante àquela levada a efeito por seu pai em sua educação. Seus filhos afirmam:

O meu pai foi um homem sempre voltado aos livros, desde... Ele estudou, se alfabetizou, com meu avô, no engenho, com vela de cera de carnaúba feita pela minha avó. Não tinha luz elétrica, não tinha querosene, não tinha nada. Era cera de carnaúba. Minha avó fazia aquelas velas e o meu avô fez uma cartilha de abc, por onde ensinou meu pai. Esta cartilha de abc, salvo engano, está em mãos da minha irmã *Lígia*, não sei bem por onde está. Mas ela existe, ela foi feita pelo meu avô e nela, nessa cartilha de abc, meu pai aprendeu a ler e a escrever (Arthur Albuquerque, 73 anos).

Papai deu um valor tão grande... como já lhe disse, colocava um filho aos cinco anos no primário, onze no ginásio e dezessete nas faculdades. Quem nos visitava naquele tempo, que nós morávamos na avenida *das Andorinhas 21*, era uma coisa espantosa. Oito horas da noite estava o papai na cabeceira, e todos os filhos, ele ensinando. Um ensinando Geografia, outro História. Todo mundo que viveu naquele tempo dizia: “quando nós íamos à casa do *Pedro Albuquerque*, nós encontrávamos vocês todos estudando.” (...) Papai só nos liberava do estudo sábado (Paulo Albuquerque, 76 anos).

Indo além das narrativas, ele põe os filhos em contato com o ambiente em que viveram os antepassados, através das viagens constantes a um dos engenhos da família no Nordeste, que ele procurou recuperar e manter. As descrições dessas viagens remetem à importância das mesmas na construção e permanência de uma memória familiar. O mundo físico que circundava os antepassados passa a ser vivido e usufruído. Conforme Pollack: “Nas lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos recordações pessoais, os pontos de referência geralmente apresentados nas discussões são, como mostrou Dominique Veillon, de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores”

(1989: 11). Ouvem-se narrativas diversas, contadas pelos personagens desses engenhos, que vão compondo um quadro vivo do que foi a vida do bisavô major ou do tataravô barão.

Papai me dizia: “meu filho, nunca na mesa do meu avô *Carlos Seabra*, ele comeu sozinho com a *Maria Antônia*, com a Dindinha. Sempre tinha gente. Quatro, cinco, seis, oito, dez comensais. Vinham do sertão, vinham do *Pontal*, vinham de Natal”. Entravam na casa de meu bisavô como se entrassem na própria casa. Sempre a mesa farta (Paulo Albuquerque, 76 anos).

Pollack (1992) indica que os acontecimentos, personagens e lugares são elementos constitutivos da memória, e podem resultar de um conhecimento direto, quando fazem parte do espaço-tempo de uma pessoa e foram vivenciados ou conhecidos pessoalmente. Mas a memória de uma pessoa pode, também, incorporar lembranças que correspondem ao legado do grupo – embora não advenham diretamente de suas biografias –, através de um processo de socialização que leva a uma identificação com determinado passado. Trata-se, neste caso, de uma “memória herdada”, já que diz respeito a experiências pessoais de outros.

O engenho é um lugar conhecido e usufruído pessoalmente pelos filhos de Pedro Albuquerque, mas sempre com referência a personagens e relações passadas. A perda da importância econômica da região, após a queda da economia açucareira, parece ter criado um nicho do passado, pois as narrativas revelam muitas permanências, muitas continuidades. Nas descrições do engenho permanece a ausência de certas comodidades, pois, como na época dos antepassados, não havia sanitários. Os filhos de Pedro Albuquerque tiveram, também, a oportunidade de conviver com personagens que acompanhavam a família há anos, como ex-escravos e seus filhos. E o proprietário, embora não dispusesse

da mesma situação que seus antepassados, ainda se apresentava aos criados da mesma forma que aqueles, deixando de lado as roupas domésticas e envergando calça, camisa, paletó e gravata, já que o traje distinguia o dono.

Halbwachs (1990) toca nos significados que o espaço assume ao ser marcado pelas relações estabelecidas entre os homens. Regido pelos mesmos símbolos que impregnam a vida social, o espaço torna-se ponto de referência na estruturação da memória. O passado é evocado não apenas nas histórias de Pedro, mas o ambiente, os personagens do engenho e vários aspectos da rotina diária parecem trazer de volta os antepassados.

Ainda quando eu fui com doze anos – onze ou doze anos – pro engenho, ainda conheci muitas escravas. A Tamunda – que era Raimunda –, a Cotó, a Sinhazinha. Ainda conheci essas escravas e, inclusive, o grande amigo do papai, que era um preto, que era tão preto que o apelido dele era Cambraia. (...) E também da Maria que era empregada de casa. Quando ia lavar as panelas à noite – sete horas da noite – o luar bonito, ela cantava: “Luar da lua/ Sereno das estrelas...”. Eram os primeiros versos. A canção era longa, mas nunca me esqueci dela lavando, esfregando. (...) Acabava a cozinha, sete horas da noite, ela ia... não lavava dentro de casa. A panela era lavada do lado de fora, com areia, bem esfregada (Paulo Albuquerque, 76 anos).

Ele fala, também, com tal intimidade da avó que parece ter convivido com ela.

(...) minha avó, mãe do papai, dona *Albertina*, era também uma mulher muito altiva e muito dura. Muito, muito segura e de muito pulso. Diferente da minha avó [*na verdade, sua bisavó*], que era a Dindinha, chamada Dindinha, casada com o Major *Carlos Seabra*, que a função dela era colocar as mucamas – quinze, vinte

mucamas – em torno dela, com bilro, ela ensinando a fazer rendas. Ela ficava na cabeceira e botava as mucamas – as moreninhas – todas, ela ensinando renda pra todas elas.

Assim, através das lembranças dos Albuquerque é possível resvalar o cotidiano da família, desde a época do seu apogeu enquanto parte da oligarquia canavieira nordestina, passando pelo seu declínio e chegando à construção mais recente de uma tradição que enfatiza a erudição do grupo e suas carreiras públicas. Os membros dessa família – especialmente os entrevistados mais velhos – conseguem reconstruir verbalmente a trajetória da família, e de forma muito semelhante a como ela está escrita e publicada em livros e crônicas. Nota-se que, aqui e acolá, aparecem informações que demonstram a existência, entre os membros da segunda geração, de um trânsito de informações e objetos de família – fotografias, manuscritos, quadros, objetos pessoais e aqueles que assinalam a distinção dos antepassados –, revelando que o passado se constitui em matéria de interesse a que continuamente retornam. O fato de alguns membros da família terem se dedicado à construção de uma versão da história familiar, não individualmente, mas através de um esforço conjunto, em que contribuições particulares foram sendo incorporadas, após serem reveladas ao grupo e se tornarem recorrentes – talvez por exporem alguma faceta que se pretendia destacar –, criou uma aproximação entre o registro escrito da história familiar e as memórias particulares de seus descendentes. As vinculações de vários deles a instituições culturais valorizadoras de uma dada versão histórica, centrada nos grandes personagens e em biografias, foi também importante na criação de uma uniformidade no discurso.

III

Embora tanto os Albuquerque quanto os Duvignaud sejam adjetivados de tradicionais, percebe-se que se trata de duas construções distintas de memória familiar. As diferenças compreendem a extensão temporal que as lembranças recobrem, a intimidade com o passado dos antecedentes e a imagem fixada sobre as famílias a partir daí. Também envolvem a ênfase dada ao retorno ao passado, e sua articulação com estratégias de manutenção ou recuperação de posição social. Considerando a memória como um fenômeno social, compreende-se a formulação dessas diferenças a partir da observação das trajetórias – individuais e do grupo familiar – em suas relações com o contexto mais amplo.

A iniciativa de um dos membros da família Duvignaud de pesquisar e registrar por escrito o passado de sua família, divulgando uma versão, nos faz vislumbrar, na sua figura, um guardião da memória familiar. Lins de Barros nos fala destes sujeitos que, “ciosos da importância da família na construção da identidade dos indivíduos, tomam para si a tarefa de preservar os arquivos da memória familiar” (1989: 37).

Pollack (1989, 1992) destaca que toda memória coletiva corresponde a um “trabalho de enquadramento”, no qual são estabelecidas as referências sobre as quais se constroem as fronteiras que definem a identidade do grupo. Este trabalho apóia-se sobre a história, material que permite diferentes interpretações, sendo o limite dado pelo reconhecimento, por parte do grupo, de sua imagem na versão construída. Os guardiões da memória agem como atores desse processo, controlando a imagem do grupo pela divulgação de uma dada versão, que só se consolida e permanece, obviamente, enquanto o grupo se reconhece nela.

Na versão de Antônio Duvignaud, autor da obra, o destaque é dado à proeminência econômica e política dos Duvignaud, construída através de várias gerações, assinalando não uma situação passageira, mas uma tradição. Partindo dos ramos e personagens destacados do grupo, o autor enfatiza o período áureo da família no Pará, vivido no início do século, momento maior de expressão do seu refinamento e proximidade com o poder. O livro não só diz quem eram os Duvignaud, mas procura estabelecer linhas de continuidade entre o passado e o presente, naturalizando o que é fruto de circunstâncias históricas e enxergando, na atual descendência, traços do que seria a marca deste grupo familiar.

Em termos de narrativa oral, não encontrei nada parecido com a sistematização feita no livro. Está claro que ele não foi escrito com base apenas na memória do autor, mas em um minucioso trabalho de investigação que incluiu não só os depoimentos de familiares, mas uma ampla pesquisa de fontes escritas. Para que o conteúdo das entrevistas tivesse uma aproximação maior com o do livro, a busca de informações sobre o passado familiar e o cultivo dessa memória deveriam ser algo recorrente entre os entrevistados. Nesse caso, o próprio livro teria se tornado uma fonte importante na composição de um discurso sobre o passado familiar. No entanto, os entrevistados fazem menção ao livro, mas não costumam repetir o seu conteúdo, mostrando que ele não foi plenamente incorporado. Não apresentam, como o autor, uma versão que reconstrua a trajetória do grupo. Cabe notar que tanto as representações sociais, quanto o uso social da memória, podem ser afetados por diferenciações internas a essas famílias e pelas particularidades das trajetórias individuais. Assim, pode haver um grupo de parentes que se destaca por controlar, efetivamente, os recursos materiais, sociais e simbólicos herdados e que compõem o atual patrimônio familiar.

Dos cinco entrevistados, os três irmãos enfatizam apenas as marcas que caracterizariam os Duvignaud e denotariam sua distinção. Já nos outros dois casos, mãe e filha reconstituem fragmentos de trajetórias individuais de antepassados próximos, mas não sintetizam o percurso da família. Remetendo, em especial, à “memória herdada” de uma antepassada comum, falam sobre comportamento, hábitos do cotidiano e interação de um grupo de parentes que viveu o final do século XIX e parte do século XX. É possível, assim, enxergar aspectos da vida dos Duvignaud tanto em seu período de apogeu, como num momento já marcado pelo declínio de sua expressão mas no qual os traços de distinção social eram ainda muito atuantes. Se não sintetizam a história do grupo, dão vida a pedaços de uma história familiar, ao traçarem um perfil dos antepassados, que completa a descrição de Antônio Duvignaud, voltada para a descrição de carreiras públicas e para a análise do percurso da família.

Ressalto que as entrevistas que realizei não negam, absolutamente, a imagem de distinção da família, tal como está traçada no livro de Antônio Duvignaud. Se fosse de outra forma, a figura do autor não seria a de um guardião da memória. Ou então, isso indicaria modos diferenciados dos membros do grupo enxergarem a si próprios, havendo múltiplas versões que, provavelmente, disputariam entre si o papel de versão válida. Vale lembrar a aproximação feita por Pollack entre memória e identidade, a partir da consideração da primeira como “(...) um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva” (1992: 204), chamando a atenção para o processo contínuo de construção que as engendra. E isso envolve uma permanente negociação entre os agentes envolvidos nas definições construídas. Mas, nesse caso em particular, as diferenças não dizem respeito à natureza das versões, e sim aos graus de envolvimento do autor e dos entrevistados com o cultivo de uma memória familiar.

Os três irmãos em questão tiveram o nome Duvignaud transmitido pelo pai – que foi pecuarista, político e empresário –, sendo filhos do segundo casamento deste. O que nos dizem quando solicitados a falar sobre o passado dos Duvignaud? Em linhas gerais, enfocam as marcas da família: sua riqueza, a vocação política, o gosto por posições de mando, o refinamento de seus hábitos, a vinculação do nome da família às terras da Ilha do Marajó e, até mesmo, semelhanças físicas (beleza e altura). Embora o nascimento do pai deles remeta ao auge do ciclo da borracha, são lembrados apenas aspectos mais recentes de sua trajetória. Um refinamento pessoal é evocado, como que traçando uma correspondência entre o pai e o nome de família.

Então, ele gostava tudo dele do bom e do melhor. Pra você ter uma idéia, na fazenda, a história que a mamãe conta – eu realmente não conheci – era que todos os talheres eram de prata, prata importada, etc. Todas as louças eram de porcelana. Papai tinha um cais na fazenda que durou até quase... um sobrinho que ficou com essa parte da fazenda me diz que esse cais, até uns cinco anos atrás, ele existia ainda. E os lençóis de linho... papai sempre foi um homem que gostou desse aspecto, se vestia muito bem, talvez até melhor que a gente. Sempre uma elegância a toda prova, não só de vestir, como da roupa de dormir, da maneira de se alimentar, etc. E a gente ouvia todas essas histórias (Carlos Duvignaud, 41 anos).

Praticamente nada é dito sobre os avós paternos. Como compreender que um passado tão próximo, já que vivido por pai e avós, chegue até eles de forma tão residual? A resposta parece estar, em grande parte, nas rupturas que acompanharam a formação desse núcleo familiar. A primeira delas é o rompimento do pai, Olavo Duvignaud, com sua primeira união, que havia sido realizada com pessoa de origem familiar

semelhante. Em seguida, ele casa-se de novo, agora com pessoa bem mais jovem e de origem mais humilde, dando início a esse novo núcleo familiar.⁴ Finalmente, ele reorienta a sua vida profissional, deixando de ser pecuarista – atividade que marcou a trajetória da família –, já que a fazenda que possuía foi legada aos filhos do primeiro casamento. Essas rupturas parecem ter contribuído para um distanciamento em relação ao grupo familiar mais amplo e a uma rede de relações que lhe servisse de apoio ao cultivo de lembranças ligadas a um passado comum ou entrelaçado.

Afirmam que foi preservado pelo pai apenas o convívio próximo com uma irmã, já que dois irmãos morreram muito cedo, um terceiro morava no Rio de Janeiro e uma outra irmã, no exterior. Assim, há uma dispersão na geração anterior aos nossos informantes que, associada às quebras anteriores já citadas, conduz a um distanciamento do passado pela ausência daqueles com os quais se poderia compartilhar e cultivar lembranças.

Voltando à memória dos três entrevistados, podemos dizer que, embora não reconstituam a vida dos antepassados nem o percurso familiar, apontam com nitidez as marcas da família. Em parte, porque foi possível extrair isso da própria conduta do pai, e, também, por conta de aspectos da vida da família vislumbrados em jornais, livros e conversas com pessoas próximas, que

4. Sua segunda esposa vinha de uma família de pequenos criadores do Marajó, lugar onde os Duvignaud ficaram conhecidos como grandes pecuaristas. As diferenças de origem ficam claras nas fotografias de família, sendo que uma delas é particularmente esclarecedora da distância social entre os dois grupos: de um lado, aparece Olavo e um dos filhos do casal, e de outro, os pais da segunda esposa. Todos estão de pé, olhando para a câmera, e a distância que separa os dois lados é muito grande, causa estranhamento e sugere ausência de intimidade e um afastamento respeitoso da parte dos pais da esposa. A indumentária e a postura reforçam essa sugestão.

servem a eles como um espelho. É como se eles tivessem tido acesso a fragmentos de um cenário e a uma conduta peculiar à família, mas não à vida de personagens específicos, pelo menos não de modo a incorporá-las a sua memória.

Entre as pessoas citadas como importantes canais de acesso ao passado familiar, a que parece ter desempenhado melhor esse papel foi uma tia paterna, Tereza Duvignaud, a única que permaneceu em Belém e com quem havia uma relação de proximidade. Conquanto a vida desta também tenha sido marcada por várias rupturas, ela manteve uma ampla rede de relações, composta predominantemente por parentes, e é retratada pelos entrevistados como contadora recorrente de histórias que remetiam ao passado familiar. Essa senhora é mãe e avó das outras duas entrevistadas, que demonstraram maior desenvoltura ao falar de parentes que as precederam.

E isso nos remete a um outro dado importante para esclarecer a ausência de lembranças entre os irmãos entrevistados: eles não conviveram, sequer conheceram, seus avós paternos um importante canal de ligação com o passado familiar, pois os “avós reconstróem suas vidas, relembrando a trajetória familiar e estabelecendo, na lembrança, o espaço familiar, a representação da família e suas relações internas” (Lins de Barros 1987: 77).

A importância dos avós para a atividade mnemônica é reforçada pelo depoimento de Vitória, neta de Tereza Duvignaud, que a criou enquanto seus pais trabalhavam e residiam na Ilha do Marajó. A sua entrevista apresenta uma diferença significativa em termos de intimidade com o passado, reconstituindo em suas lembranças a trajetória da avó e remetendo a muitas situações cotidianas que envolvem ela própria, enquanto companhia constante daquela. São lembradas as visitas de fim de tarde a parentes – denotando a força de uma parentela ainda nas décadas de 1950 e 60 –, os lugares freqüentados – para passeio, compra, atividade religiosa –, as viagens ao Rio de Janeiro, aspectos da educação

que recebeu – a maneira de se vestir, de se portar à mesa, de pensar sua condição de mulher – e as reuniões familiares em datas festivas.

A partir da avó, surgem outras mulheres em suas lembranças, que são pessoas próximas, tanto pelo parentesco e convivência, como pelo estilo de vida. A entrevista de Vitória traz à tona, portanto, um mundo feminino. Nem os homens que se pressupõe mais próximos – pai, avô, irmão – têm espaço em sua narrativa. Ela reconstitui a história da avó desde as circunstâncias privilegiadas em que passou a infância e parte da juventude, assinalando os estudos feitos em Paris, seu traquejo social e sua elegância. Descreve, também, os percalços de sua vida, iniciados com um matrimônio acordado pelo pai, e que se revelou desastroso, não apenas pela ausência de sentimentos, mas porque a trajetória do marido de Tereza foi marcada pela ruína econômica, seguida de sua morte precoce. Desse casamento resultaram dois filhos, uma mulher e um homem. Posteriormente, Tereza Duvignaud voltou a se casar e teve mais uma filha, Flávia, mãe de Vitória.

Quando Vitória fala da avó materna, a descreve como uma mulher forte e articuladora de relações, que mesmo já não tendo um patrimônio que se igualasse a alguns de seus parentes, manteve a proximidade com eles, inclusive através do estilo de vida que cultivou. Esta proximidade converteu-a, primeiro, em protegida e, posteriormente, em herdeira do patrimônio da viúva de um tio consanguíneo, a qual não possuía herdeiros diretos.⁵

5. A proximidade dessa relação fica evidente não só neste fato, mas também em outras informações fornecidas por Vitória e Flávia. O nascimento de Flávia, por exemplo, ocorreu na casa desta senhora, tendo ela e o marido tornado-se seus padrinhos. Já Vitória relata as freqüentes visitas de fim de tarde a ela e a outra tia de sua avó. Por fim, vale notar que esta senhora, ao repassar seus bens para Tereza e sua filha Flávia, converteu em herdeiras não parentes consanguíneas suas, mas sim de seu marido, já falecido. Por intervenção de Tereza, coube a ela os imóveis e jóias, sendo a fazenda repassada à Flávia.

Os lugares de passeio, a maneira de se vestir, o exercício da filantropia, a formalidade e o respeito que exigia durante as refeições, assim como seu comportamento rígido, são aspectos de uma vida que, nos detalhes, elaborava um estilo e marcava uma distinção.⁶

A minha avó, sempre era a palavra dela que predominava, ela que controlava o dinheiro, ela que decidia as coisas, tudo ela é que fazia. Ela dominava a família toda, mas assim de uma coisa que ninguém sentia. Todo mundo gostava muito dela: avô, mãe [*Vitória refere-se ao seu próprio avô e mãe*], filhos, genro – meu pai tinha verdadeiro pavor dela. E não era dominação pelo dinheiro, era dominação pela palavra, dominação pela vontade, dominação, assim, pela maneira dela ser. Ela transava para que tudo saísse da maneira que ela queria. Ela chantageava, ela usava de todas as armas possíveis e imagináveis (...) Na mesa, antigamente, ninguém podia falar, a não ser quando a vovó desse a palavra pra todo mundo. A primeira que falava na mesa era ela, ela que servia todo mundo (Vitória Duvignaud, 42 anos).

A mãe dessa entrevistada também deu um depoimento no qual revela não apenas o passado que foi vivido, mas aquele que lhe foi contado, demonstrando conhecimento da trajetória do avô materno e seus irmãos, assim como da geração de sua mãe. Essas informações particularizam alguns antepassados em aspectos que marcaram a sua feição dentro do grupo familiar, lembrando a afirmação de Bosi de que “nenhuma comunidade consegue como a família valorizar tanto a diferença de pessoa a pessoa” (1987: 346). É aí

que aparece o tio-avô *gourmet*, um outro que era filósofo, o tio dos carros importados, a avó que adorava enterros, a pitoresca bisavó que vivia entre Belém e Paris, sem saber falar francês, e de lá trazia maçãs em penicos. Os parentes são, assim, revelados através de “(...) uma face ideal que se perpetua” (Bosi 1987: 352).

Flávia também fornece dados sobre o estabelecimento de relação de propriedade, por parte de membros da família, com algumas fazendas do Marajó. Um aspecto interessante é a visualização da endogamia de classe das famílias que compunham a elite paraense, cujo domínio, em alguns casos, se estendeu do período colonial até a República, como é, aliás, o caso dos Duvignaud.

As distinções entre as entrevistas de Vitória e Flávia se concentram no relato de sua trajetória pessoal e no seu cotidiano durante a infância e juventude, o que interfere no discurso através do qual trazem à tona o passado familiar. Enquanto Vitória nos mostra os Duvignaud sob a ótica com a qual enxergava a avó, evidenciando sinais de elegância, imponência, refinamento e riqueza, sua mãe reporta uma infância e juventude mais distante do passado de fausto que assinalou a trajetória da família. Embora ela enfatize a riqueza dos Duvignaud e sua proximidade com o poder, não os descreve em termos de seu refinamento, preferindo caracterizá-los por sua afobação e pelo senso de humor, arrolando histórias correntes na família sobre gafes cometidas por antepassados e outras histórias pitorescas, que passaram a fazer parte do anedotário familiar. Mas seu relato – como o de Vitória – também remete mais a antepassados femininos. Embora o avô paterno de Tereza seja o único membro consanguíneo da família homenageado com um título nobiliárquico brasileiro, sendo esse fato destacado no livro de família, as duas entrevistadas não o enfatizam e nem mesmo têm histórias a contar sobre esse antepassado. Mas Flávia fala da bisavó, esposa

6. Provavelmente, alguns desses aspectos só se viabilizaram quando Tereza recebeu a herança de sua tia, o que explicaria porque Vitória remete a eles, mas sua mãe não. A trajetória delas é, também, bem diferente, estando claro que Flávia viveu a infância e juventude em circunstâncias mais modestas.

daquele, relatando diversos episódios vividos por ela, quando já idosa e viúva. Em sua residência encontram-se dois móveis que não só pertenceram à bisavó, como estão intrinsecamente ligados a sua figura:

As duas cadeirinhas, tu notas que são baixas, que a mamãe diz que ela era pequenina. E a que está dentro do *closet* era pra ela botar... que tinha bota, mas bota de mulher era com botão, do lado, assim. Era baixinho pra ela abotoar as botas. Isso é outra coisa que eu me lembro (Flávia Duvignaud, 64 anos).

Como ponto comum a esses dois relatos, pode-se dizer que ambos dão vida a personagens que no livro de família não aparecem, ou são tratados apenas em termos de sua vida pública. O que mãe e filha contam sobre os Duvignaud, mergulhando nas histórias de uma antecedente feminina, são outras faces desse passado, nas quais é assinalada a distinção da família, mas remetendo principalmente ao cotidiano e a elementos de uma trajetória que foi acompanhada de perto e passou a fazer parte das conversas domésticas.

IV

Conforme assinei no início deste trabalho, ao levantar a memória oral e escrita de membros das famílias Duvignaud e Albuquerque, encarei a herança mnemônica de cada uma delas dentro da perspectiva de Halbwachs (1990), ou seja, como uma construção em que indivíduo e sociedade desempenham, cada qual, seu papel para que ela se efetive. O ritmo das lembranças, os lapsos do discurso – resultantes do ocultamento ou do esquecimento –, a extensão temporal percorrida e o teor básico das recordações são aspectos que podem ser entendidos quando articulados à trajetória do grupo e a traços específicos de vidas particulares.

Ao focar o indivíduo, Halbwachs (1990) enxerga-o como um ser social, ponto de confluência e de articulação das perspectivas de diferentes grupos no contexto de uma sociedade complexa. A memória individual resulta, portanto, de um trabalho elaborado pelo sujeito – de seleção, destaque, ocultamento, reelaboração –, a partir da confluência das lembranças resultantes de sua experiência social. De acordo com Lins de Barros:

Ao pretender expor o caráter social da reconstrução das lembranças, Halbwachs acaba realçando o aspecto individual da memória, que encerra um sentimento próprio e particular. Sua existência tem um caráter único, decorrente de sua posição espacial e temporal e que apenas um único e determinado indivíduo possui em sua biografia (1989: 31).

Para evidenciar o papel que cabe ao indivíduo na arquitetura da memória, ressaltei aqui o papel dos guardiões da memória, ou as especificidades de falas individuais no interior de um discurso que retrata o grupo. Tereza Duvignaud foi, sem dúvida, uma guardiã da memória familiar, e sua retomada do passado foi enriquecida por sua vida social intensa e, em especial, pelo cultivo das relações com parentes. A manutenção de uma agenda com nomes e datas de nascimento de parentes, a vasta correspondência que manteve ao longo de sua vida, e sua constituição como uma figura adequada para lidar com problemas familiares, mostra uma mulher para quem a vida familiar extrapolava os limites de sua residência ou de sua família nuclear.

Em sua dedicação ao passado, os guardiões formam coleções – de objetos, fotografias, histórias – que permitem entrever o passado, não como fragmentos esparsos e exteriores ao sujeito, mas como vibrações que trazem à tona a atmosfera vivida pelos antepassados. Em suma: em suas recordações, o passado é recriado de

forma vívida. Ressalto aqui que Halbwachs (1990) encara a memória como um elemento dinâmico, a construir continuamente o passado tendo por base os fatos ocorridos. Ecléa Bosi, interpretando as palavras de Halbwachs, afirma: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (1987: 17).

Pedro Albuquerque também agiu como um perfeito guardião, tanto pelas histórias que “coleccionou” e contou, como por mediar o contato dos filhos com os locais onde havia se desenrolado a vida dos avós. Os engenhos da família, no Nordeste, assemelham-se a “ilhas de passado conservadas”, onde nos sentimos “subitamente transportados” a um tempo anterior (Halbwachs 1990: 68).

A existência dessas figuras-chaves na preservação da memória chama a atenção para como o indivíduo pode tornar-se ponto de confluência de propósitos de manutenção do grupo, ou das representações a ele vinculadas. Tereza Duvignaud e Pedro Albuquerque são sujeitos atuantes, interessados em preservar, resgatar ou criar imagens para os grupos nos quais se incluem. É interessante notar que desempenham esse papel após vivenciar rupturas, o que mostra que a tessitura das lembranças torna-se ainda mais urgente nos momentos em que todo um passado e uma tradição parece se esvanecer.

O papel do indivíduo na estruturação da memória pode ser percebido, também, nas diferenças que marcam as narrativas feitas por membros de um mesmo grupo familiar. Embora exista entre os filhos de Pedro Albuquerque um discurso bastante uniforme, o filho caçula apresentará o passado num tom diferente dos demais, por não enfatizar a distinção familiar. Não tendo se incorporado, como os irmãos, a instituições culturais e profissionais valorizadas de um discurso enaltecido de personagens

e suas origens, apresentará o passado sob uma ótica que conjuga alguns aspectos caros à família – como, por exemplo, a trajetória de Pedro Albuquerque – com noções desenvolvidas em outros círculos que fazem parte de sua vida. Do lado dos Duvignaud, as diferenças entre o depoimento de Vitória e o de sua mãe também dão conta de como dois indivíduos podem recriar um passado em comum, cada qual de uma forma particular. De novo entra em cena a vivência do indivíduo e seu trânsito entre os diversos grupos, permitindo que ele elabore sua memória individual através de uma tessitura, em que a memória coletiva é um referencial, mas um referencial assumido sob uma perspectiva bastante particular.

Para ambos os grupos é possível destacar aspectos uniformes que marcam o que é recordado, gerando um discurso que define a imagem do próprio grupo. As narrativas dos Albuquerque enfatizam a austeridade, a disciplina e a dedicação à consolidação de uma formação exemplar que, somadas à pontuação e naturalização de seu passado oligárquico, tornam possível associar seus membros ao perfil adequado para o trato da coisa pública. No caso dos Duvignaud, é ressaltado o refinamento e poder dos antecedentes, associando-os à recriação em Belém de uma civilização dentro dos moldes europeus por ocasião do ciclo da borracha.

No entanto, há diferenciais em termos da extensão, da intimidade e da importância que o passado assume no contexto presente dessas famílias. Nesse ponto, é fundamental considerarmos o peso do grupo na estruturação das lembranças. Halbwachs (1990) chama a atenção para o fato de que construímos nossa memória recorrendo ao testemunho daqueles que fazem parte dos grupos nos quais tomamos parte, e que partilham conosco não apenas fatos de uma vida em comum, mas modos de pensar muito próximos, desenvolvidos no interior dos mesmos.

Observamos que Pedro Albuquerque e seus filhos homens vão compor um grupo bastante homogêneo em termos de suas trajetórias, comungando objetivos próximos a partir da sólida orientação do patriarca da família. Usando as mesmas noções, e tendo a memória do pai como guia, eles vão partilhar um vasto repertório de lembranças, as quais dizem respeito não apenas aos fatos vividos, mas àqueles trazidos à tona por Pedro Albuquerque e pelos cenários a que ele os conduz.

A situação é bem distinta entre os Duvignaud. No momento em que realizei as entrevistas, era clara a dispersão familiar, assim como a ausência de um convívio próximo com parentes por parte dos informantes. Os núcleos de convívio remontavam ao passado, tal como é revelado pela história de vida de Tereza Duvignaud. O grupo subsiste enquanto uma realidade genealógica que partilha um referencial simbólico em comum: o nome de família. Mas esse por si só já não permite delimitar um grupo unificado em torno de uma vivência em comum, havendo um enorme fosso entre o passado e o presente familiar.

As lembranças colhidas junto a essas famílias evidenciam, assim, uma outra importante lição de Halbwachs (1990): se por um lado é

o presente que desencadeia as lembranças, por outro lado é mergulhando no passado que os homens buscam sentido para suas experiências cotidianas. O distanciamento de alguns descendentes dos Duvignaud frente à memória do grupo mostra que novos caminhos estão sendo trilhados, e que eles já não remetem tanto a esse passado: os referenciais são outros. E se as lembranças da segunda geração dos Albuquerque no Pará inclui de forma tão significativa os seus antepassados, não é só porque suas histórias lhes foram continuamente contadas, mas porque elas davam sentido a um projeto que só se viabilizaria enquanto gerido pelo grupo.

Referências bibliográficas

- BOSI, Ecléa. 1987. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz/ EDUSP.
- HALBWACHS, Maurice. 1990. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice.
- LINS DE BARROS, Myriam Moraes. 1987. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. 1989. "Memória e Família". *Estudos Históricos*. 2 (3): 29-42.
- POLLACK, Michael. 1989. "Memória, esquecimento, silêncio". *Estudos Históricos*. 2 (3): 200-215.
- _____. 1992. "Memória e identidade social". *Estudos Históricos*. 10 (5): 3-15.